

a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração, interinas - Residência Paroquial - Melgaço
Propriedade impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada - Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00
ANO - XIV

Melgaço, 1 de Julho de 1960

N.º 212

Pais e filhos

Não vou tratar aqui dum assunto directamente regional. Não obstante, creio que deve ter o seu interesse, pelo menos, para aqueles que não quiserem dar-se ao incómodo de discordarem comigo.

Vou referir-me aos pais e aos filhos. Problema velho, sempre novo, mas complicado.

Diz-se por aí — e com certa dose de razão — que os filhos rebaixam a época actual.

Mas se isso é certo — ou quase certo — não é menos positivo também que uma razoável percentagem de culpa é, muitas vezes, nutrida na própria escola do lar.

Os pais não têm o cuidado requerido com a educação dos filhos, e estes, crescendo na vida sem leme que os oriente e lhe prepare a alma, acabam por não fornecer à Sociedade resultados satisfatórios.

E que não existindo o sentido do dever como norma do próprio lar onde os filhos nascem e crescem, não pode também — creio eu — vislumbrar a fertilidade moral e o subsequente respeito mútuo.

E isso só seria possível, se os pais vivessem espiritualmente mais próximos dos filhos, e vice-versa, urdindo mesmo só com esse escasso elemento uma sã compreensão, e de respeito, na expectativa de extinguir uma parcela bem importante da miséria moral que invade os nossos dias.

Estou em dizer, até, que seria possível colher, mais tarde, o perfume e o ardor construtivo duma futura sociedade, educada e formada, sem o conhecimento dessa filosofia doentia que, a cada passo — talvez por as almas não se encontrarem convenientemente alimentadas — deixa escorrer irremediavelmente para o abismo.

Amiudadas vezes chego a perguntar a mim mesma porque será que certos pais não compreendem — ou não querem compreender — os seus filhos.

E outras tantas vezes, pergunto, igualmente, qual será o motivo que leva os pais a ferirem de propósito, talvez, a personalidade e o orgulho natural dos próprios filhos, sem conceberem sequer que, como homens, também são susceptíveis de erro.

Parce-me, enfim, que se fosse revisto escrupulosamente o problema educativo, provavelmente se pusesse cobro a uma parcela importantíssima da crise moral que emerge da educação hoje ministrada.

Bastaria, para tanto, que os pais compreendessem o dever de espiar os filhos e corrigi-los de seguida, bem como a obrigação de os saber corrigir, de os compreender, e, sobretudo, de os encorajar para a vida, e confortá-los sempre que isso se tornasse necessário.

Este o balanço a que o homem deve proceder antes de pensar em ser pai.

E de resto, tudo seria simples e deveras produtivo, se todos os pais soubessem inculcar a educação na formação dos seus filhos, e se estes abraçassem essa educação, mas tudo por forma compreensiva e ordeira, e não, como se se tratasse do gado que os lavradores tangem nas animadas lavouras do mês de Maio, que não fala, nem sabe dizer o que deseja ou pretende.

Finalmente, diremos: se os pais ajudassem, fácil seria amar-nos lealmente. E, depois, mesmo dessa janela donde se avista o mundo, abraçar-nos-íamos, compreensivos, sem rancores nem ódios, que, afinal, nada valem neste mundo, que não chega sequer a ser nosso.

Lisboa, 25 de Maio de 1960.

Anselmo Manuel Gonçalves Fernandes

Carreio de «A Voz»

Do Exímio Senhor José Augusto Domingues de Prado, conceituado proprietário da Indústria de Cimento Armado, «Vida Nova», no Brasil, recebemos, mil cruzéis para pagamento da sua assinatura. Ao querido amigo, muito obrigado.

Pelo hospital

— Da família do Senhor José Joaquim Meleiro, de Golães, Paderno, recebeu a Santa Casa da Misericórdia mil escudos, produto de uma indemnização.

A Mesa Administrativa da Santa Casa confessa-se muito grata à Exma Família Meleiro, de Golães.

— Do nosso querido amigo Sr. José Augusto Domingues de Prado, que no Brasil se tem imposto à consideração de todos pelo seu trabalho e carácter, recebeu a Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, com palavras muito gentis, mil cruzéis.

Ac spuerido amigo, a gratidão da Mesa e dos Pobres da nossa Terra.

Se o exemplo pegasse...

Por absoluta falta de espaço

Não publicamos dois artigos: um de Hilário Rodrigues e outro do Grilo.

Que nos desculpem.

De regresso

Amanhã, chega a Melgaço, de regresso do Porto, onde se sujeitou a uma operação, o Senhor Doutor António Esteves, distinto médico em Melgaço e Director Clínico da Santa Casa.

Abraçamos o Sr. Doutor António Esteves, pelo bom resultado da sua operação e fazemos votos por que a convalescença se faça o mais rapidamente possível.

«A Voz!»

(Atrasada na Redacção)

Está hoje de parabéns «A Voz de Melgaço» e, do mesmo modo, todos os que honestamente nela trabalham.

Dir-se-á — mais um ano que se esfuma e outro que vai surgir... Diremos — mais um esforço que vai ser sepultado no esquecimento e outro que vai ser encetado. Esforço — aliás legítimo — na defesa dos interesses regionais, de Melgaço, de todos nós.

Vão lá 13 anos sobre o dia em que se criou «A VOZ». Ela seguiu e segue sem desânimos. E hoje tem a sua função definida sobre a linha de rumo que, todos os seus leitores, querem e esperam confiadamente que ela caminhe, a pé firme, com a ajuda de Deus e dos homens.

Isso é quanto basta, para que todos aqueles que sempre acolheram «A Voz» com atenção e carinho, se sintam honestos e sinceros ao verem cair mais um ano sobre a sua vida.

Saúdo daqui os Ilustres Directores de «A Voz» — obreiros da primeira hora — à parte da muita admiração pessoal e intelectual que lhes dedico.

E como eu, estou certo que todos os Melgacenses que se encontram espalhados por esse mundo, gostariam de, sinceramente, brindar pelas prosperidades do nosso Jornal, «A Voz de Melgaço».

Lisboa, 1 de Junho de 1960.

Anselmo M. Gonçalves Fernandes

Por terras de França

Não posso demorar-me por mais tempo com estes nossos rapazes junto da raia da Alemanha, em Forbach, etc.

Muitos delês são da minha freguesia natal, rapazes do meu tempo, alguns deles, com quem brinquei, ainda menino e moço, já lá vão tantos anos!

O Armando, esse quis ter a gentileza de me acompanhar a Metz e a Nancy, companhia que me foi muito proveitosa e agradável. Em Metz, procuramos o bom amigo e paroquiano, António Rodrigues dos Perses, habituados, desde há muito, a trabalhar rudemente por essas terras fóra, já que, ainda há pouco, viera das minas da Panasqueira. Pai de sete filhos, senhor de uma casa agrícola modesta, foi-lhe sempre forçoso trabalhar e muito. É um exemplo.

A riqueza moral dos homens da nossa terra! Pois nós fomos procurá-lo à sua casa, junto a Metz, mas não o encontramos. E com que saudades partimos sem lhe darmos o nosso abraço e as saudades de todos os Seus...

Estou a escrever, sem apontamentos o que bastante me dificulta recordar estes belos dias que passei com os nossos papazes. Que eles me desculpem de algumas faltas, que são necessariamente involuntárias.

Fomos depois visitar outro paroquiano amigo e ainda parente, o Nazário Cardoso, das Adegas, um rapaz trabalhador, amigo do seu amigo, socegado, e bom.

Demos com ele numas obras dirigidas por americanos, e com ele trabalhavam outros rapazes da nossa terra, de Couso. Foi uma alegria e uma surpresa o nosso encontro. Lembrou-me de ser apresentado a um engenheiro americano, que me disse serem os nossos trabalhadores os melhores que ele tinha. De resto, é a impressão de toda a gente em França. Os nossos homens, são trabalhadores, conscienciosos, humildes e inteligentes.

Eles tem enchido a nossa terra de dinheiro, terra que a estas horas seria pobríssima se não foram eles. Tem feito viver o nosso comércio, as nossas igrejas, as suas famílias que tiraram da miséria, e ainda levam à Caixa Económica aquilo

(Continua na 2.ª página)

Por terras de França

(Continuação da 1.ª pág.)

que podem poupar. E como eles fazem mais belo este rincão do Alto Minho, com as casas novas, ou melhoradas!

Outras terras precisam de quem lhes faça novas casas para habitar. Aqui, não! É ver a fisionomia que Melgaço todo, de ponta a ponta, vai tomando, depois que eles saíram. A grande virtude dos nossos rapazes: o trabalho e a poupança. E como eles acorrem todos os anos, ali por alturas de Novembro, para as suas terras, como andorinhas, a ver os seus filhos, as suas esposas.

E a tragédia de tantos deles, ao passarem pela Espanha adentro!

É esta riqueza que não podemos deixar cair. O amor ao trabalho, à sua terra, e à sua gente.

É preciso fazer mais por eles.

Mas nós não podíamos demorar e precisávamos de tomar o comboio, pois em França, acertam-se os relógios por ele. É um serviço muito perfeito, acreditem.

E viemos para Nancy. Pude ainda ver, durante esta viagem de Metz a Nancy os sinais e a presença da defesa militar de França, ao lado das estradas, defendidas por casamatas, esconderijos de cimento.

O Armando exigiu que ficássemos num hotel e ficamos, depois de dar umas voltas pela cidade, de que tanto falávamos nas nossas aulas de história.

Na manhã seguinte, despedimo-nos na estação e eu tomei o comboio para Dijon, a fazer uma surpresa ao Germano, meu antigo parouquiano e agora vizinho, da Carpinteira e a sua esposa a Sr.ª Teresa. O Armando ficou na estação para tomar o comboio para a terra do seu trabalho.

Quanto devo a este bom companheiro e rapaz.

Que horas tão gratas me proporcionou junto dos nossos conterrâneos... Que Deus o ajude sempre.

Dijon!

Pelo comboio, enquanto fazia a minha viagem, aproximando-me mais e mais da minha terra, eu fui lembrando outros rapazes, outros homens, que não pude visitar e que tanto desejava abraçar: o Justino da Verdade, o Guerreiro, etc., etc. Não pude. Não pude e tive pena.

Dijon. Eram umas 12 horas e pouco, quando cheguei à estação. Tomei um taxi e procurei a casa do meu amigo.

Que surpresa! Vou encontrá-los em plena festa, de volta da igreja, de um casamento, o Domingos e a Teresa, uma excelente Senhora, religiosa, digna e trabalhadora.

Os convidados eram muitos. E logo que constou estava ali um sacerdote conhecido e amigo daquele casal português, fui convidado e quase intimado a entrar e a sentar-me à mesa, a tomar parte no almoço.

Gostei muito do ambiente e do carinho, em que todos me envolviram.

Durante a refeição, cantavam-se lindas canções e nós, os portugueses, fomos brindados com algumas da nossa terra. Uma senhora italiana, já no fim do almoço, disse ao que vinha eu e todos foram gentis para comigo.

Não houve mais remédio, se não fazer um brinde aos noivos e a todos os convidados.

Aos italianos, lembrei-lhes Santa Rita, que por ali me trazia, Santo António e uma das últimas rainhas de Portugal.

Aos franceses, lembrei o conde D. Henrique e a última rainha, D. Amélia, o princípio e quase o fim das nossas dinastias de reis de Portugal. E lembrei também os campos de batalha de França, onde os nossos soldados deixaram o seu sangue.

Claro que tive de lhes falar em francês. Mas não fiquei por aí a supor que se tratava duma obra prima de literatura... Como pude... Adiante.

Não pude demorar-me muito em Dijon.

Fui visitar a catedral, mais uma das belas catedrais de França e parti. Parti para Le Creusot.

Que faria por aquelas horas o nosso grande amigo Merim? E os seus meninos e Esposa? E todos? Le Creusot... Como me lembro bem de Le Creusot. Até à próxima, se Deus quiser.

PRODUTOS PARA VINHOS
APARELHOS PARA ANÁLISES
MÁQUINAS PARA ADEGA
TESOURAS DE PODA «PRADINES»

Sociedade de Representações Guipeimar, L.ª

Rua de Rodrigues Sampaio, 155 — 1.º — PORTO

Telef. 28093

Telef. Guipeimar



Sociedade

Aniversários

FAZEM ANOS: — Amãnhã os srs. Fernando Domingues Trancoso e João Hilário Alves Gonçalves; no dia 3 da sr.ª D. Maria de Lourdes Fernandes Durães e o sr. José António de Araújo Gonçalves; no dia 4 o sr. Germano Henrique Alves Carabel; no dia 5 o jovem Francisco Augusto Esteves; no dia 7 o sr. José Augusto Ribeiro Júnior; no dia 8 o sr. Armindo Miguel de Carvalho (saudozo correspondente de Chaviães); no dia 9 da sr.ª D. Maria Julieta dos Santos Lima Las Casas e o sr. Ricardo de Sousa Lobato; no dia 10 a menina Isabel Maria Domingues Costa; no dia 11 o rev. Justino Afonso; no dia 12 o sr. António Paulo Domingues; no dia 13 a menina Flávia Maria Calheiros Gonçalves e o jovem Filinto Elísio Gomes Pinheiro de Almeida; no dia 14 a menina Eduarda da Conceição Gomes e o sr. João de Almeida (Cataluna); e no dia 15 a menina Geórgina Dantas da Costa Afonso.

Paços, 26

FALECIMENTOS — Na sua casa no lugar do Outeiro faleceu em 13 do corrente o estimado sr. José Severino Pires.

* José Severino Pires, filho de Francisco Joaquim Pires, e de sua esposa Venúscia Douteiro, nasceu em 19 de Junho de 1890. Aos quinze anos embarcou para o Brasil onde trabalhou vários anos; veio a Portugal por três vezes, e no final, casou com a Sr.ª Maria Florinda Monteiro, filha de Manuel Monteiro e de Júlia Pinheiro. Assentou residência no lugar do Outeiro. Era uma pessoa muito estimada no nosso meio, motivo porque o seu funeral que se realizou no dia seguinte foi muito concorrido de ambas as classes sociais. Peço aos meus queridos leitores uma oração por sua alma.

Também no lugar de São falezou há dias o Sr. António Ferreira, mais conhecido por (António dos Arcos).

Paz às suas almas. Vão começar dentro em breve os trabalhos da torre e fachada principal da Igreja. A obra segundo me consta, foi justa ao nosso amigo José Alves, do lugar do Esporão, tenho a certeza de que vai ficar uma obra bem feita, visto este nosso amigo ter conhecimentos a esse respeito bem suficientes. — C

Por Santa Rita

Por largo tempo se falará ainda do que se passou nesta abençoada estância de piedade e de recolhimento, quando da festa de Santa Rita e da novena que a precedeu.

Foi muito, muito o que se andou.

Mas não podemos parar. Temos de andar depressa e bem.

A casa lá está pronta de paredes, a pedir que a cubram, antes que venha por aí o inverno. E nós temos tanta vontade de a cobrir, mas o pior é que foi preciso fazer uma pausa, para não avolumar as nossas já elevadas dividas, que são coisa parecida como cem contos.

Mas nunca perdemos o sono por causa delas. Santa Rita há-de ajudar-nos a que a obra se faça e as dividas se reduzam, com a prontidão possível.

Continuam a vir os romeiros de todos os lados, do nosso concelho. Há dias, de Virtelo, freguesia de Couso, também de Parada do Monte, onde Santa Rita conta muitos devotos, da vila, de Cristóval, enfim de todos os lados.

E também vão aparecendo os donativos, alguns deles, mais pequenos, como se pode, outros mais elevados.

No domingo passado, esteve aqui uma visita do Porto, a Senhora Vice-Consuleza de Inglaterra em Portugal e também aqui tivemos o grande prazer de abraçar o nosso querido Amigo, Sr. Martins Lourenço, que sempre tem seguido com muito interesse esta obra.

Os donativos, como iam dizendo, vão subindo sempre e não era de estranhar que, logo após a festa, houvesse uma quebra grande. Mas não.

E assim, de um grande amigo, de Vila do Conde, Fiães, que aqui neste abençoado banco já tem muito depositado, mais 1.000\$00.

De um anónimo de Prado, (Prado, outra freguesia, que parece que tomou a peito que estas obras se não façam sem o seu concurso), 100\$00. Temos pena de não podermos revelar-lhe o nome. Da Sr.ª Prazeres Roldão, de Virtelo, 60\$00, da Sr.ª Maria Alves, de Couso, 5\$00. De uma menina da Carpinteira, que muito nos tem ajudado, desde o princípio desta obra, mais 20\$00, do Sr. Rodolfo Fernandes, da vila, com as desculpas que já lhe pedimos, mais 20\$00, do Sr. António de Oliveira, simpático empregado do café, 50\$00 e mais uma cautela; de um amigo de Paderne, que desde longa data, nos vem ajudando, mais 50\$00, do Sr. Augusto Cândido de Carvalho, de Deveza, 1.000 francos; de um outro amigo, de Paderne, (que pena não se lhe poder dizer o seu nome, agora que felizmente já vai muito melhor dos seus padecimentos) mais 100\$00; do Sr. António Augusto Meleiro, de Cavaleiro Alvo, mais 200\$00, da Senhora D. Maria de Lourdes de Carvalho, da vila, mais 50\$00; de uma Senhora de Paderne, que também, desde há muito, nos tem ajudado nesta obra, mais 20\$00, de um anónimo de Prado, que nos impôs, desde o princípio, o mais rigoroso silêncio e pobre, mais 20\$00; do Sr. José Alves das Neves, de Cavaleiro Alvo, um lugar que muito nos tem ajudado desde sempre, mais 20\$00; de Augustinho Fernandes, de Plas, Merufe, 50\$00, e da Sr.ª Maria Gonçalves do Telheiro, mais 20\$00.

Demos graças a Deus!

É muito, é verdade. Mas nós precisávamos para já de 10.000.000\$00. Não sei se leram bem, dez mil contos. Temos tanta pressa de andar quanto antes... E somos tão poucos...

ROUÇAS, 27

Tudo se prepara, para que a festa de Santa Marinha seja aquilo que todos desejamos. A Comissão das festas, a que presidem os nossos bons amigos, Sr. Agostinho Lourenço, dos Perses e José Lourenço, da Aldeia, não se poupam a esforços para que elas atinjam o brilho que lhe pertence.

Fez-se aqui a procissão do Corpo de Deus, e a festa do Coração de Jesus, que decorreram bem, se atendermos a que o tempo vai muito exigente para os nossos milhos.

Tem estado doentes os Srs. António Rodrigues, dos Carvalhos, que em breve parte para o Porto, a Sr.ª Teresa Fernandes, de Surribas e a sogra do Sr. Lourenço, de Corçães. A todos, desejamos prontas melhoras.

Vão unir-se brevemente em matrimónio os Srs. José Gonçalves, de Cabreiros e a gentil menina, Isaura Cubelo, de Paço.

Já chegaram felizmente a suas casas, os nossos conterrâneos que se encontravam nas prisões de Espanha, por tentarem ir para França.

No dia 13, recebeu as águas lustrais do baptismo um menino, filho do nosso amigo, Sr. Manuel Joaquim Esteves e de sua esposa, Ortelinda Durães, de Cavaleiros. Ao menino, foi posto o nome de Armando. Fazemos votos, por que a vida lhe sorria sempre e que nunca lhe falte a graça de Deus.

Da Vila

Junho, 25.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Ainda do velho e relho **Código de Posturas** — essa reliquia bibliográfica, a cem por cento desactualizada, mas ainda em uso e — ó ironia! — de novo reimprimida há uns dois anos — extractamos mais a seguinte postura:

«ART.º 67.º — Todo aquelle que metter os cavallos a galope ou a trote rasgado dentro de qualquer povoação terá a pena de quinhentos reis de multa».

Os cavalos... bons tempos...! Onde é que há agora disso, meus Senhores?!...

Ora não seria mais justo, mais oportuno e mais sensato, substituir aquella postura por outra, mais ou menos, do teor seguinte:

Art.º X — Os condutores de quaisquer veículos motorizados, e bem assim os ciclistas que circulem pelas artérias desta Vila com excessiva velocidade, serão punidos com a multa de mil escudos, acrescidos dos respectivos adicionais.

Isto, sim, é que nos parece seria legislação acertada a salutar, pois entre nós — não os motoristas de praça que estes — nisto são prudentes e comedidos — alguns condutores e sobretudo os motociclistas, costumam abrir todo o escape a seus veículos e, passando sobre toda a folha, fazem das artérias do burgo verdadeiras pistas de corrida.

De vez em quando, abusa-se aqui um pouco em matéria de velocidade... de modo que o pobre do incola, sempre que tenha necessidade de sair à rua, deve benzer-se primeiro, encomendar-se a um Santo de sua devoção depois, e seguidamente fechar os olhos e dizer: — seja o que Nosso Senhor quiser! Sim, pois nunca é certo se chegará ou não são e salvo ao seu destino e, no caso afirmativo, se regressará ou não ao ponto de partida nas mesmas condições.

Crispino

Pró nova Ambulância — Sabemos que em posse da digna Comissão encarregada de angariar e recolher os respectivos fundos para a aquisição da nova ambulância do Hospital, estão já alguns donativos, dos quais porque a lista não nos foi enviada, nada poderemos dizer.

Entretanto, sabemos também que à Mesa da Santa Casa, para o mesmo fim, foram entregues mais 1.000\$00 da «Auto Viação Melgaço L.da» e outros tantos do sr. Albano Pereira, de Corções, residente em Angola, onde é funcionário da DIAMANA, o que faz 12.000\$00 a transportar.

Na próxima carta, se Deus quiser, este transporte há-de ficar duplicado, pois sabemos já de duas promessas de cinco «quilos» cada. Até lá — ó Melgacenses! — vinde todos, e não esqueçais que **bis dat qui cito dat**, duas vezes dá quem depressa dá...

Verbenas — Junto aos Paços do Concelho, mesmo defronte ao posto da G.N.R., realizou-se, ontem, uma verbena que esteve muito concorrida e animada.

Hoje, no Largo da Calçada, também deve realizar-se outra que terá a abrilhantá-la o distinto acordeonista António Gonçalves Pereira «Tonecas», de Prado.

Pesca no Rio Minho — Encerra já em 30 do corrente mês o período de pesca com redes no rio Minho, cuja safra em lampreias foi boa, mas quanto a sáveis... cremos que, em toda a costa, nem uma dúzia deles foi pescada. Uma miséria...

As principais pesqueiras saveiras, ficaram danificadas com as últimas cheias por um lado, e por outro em Maio o caudal do rio foi insignificante, daí esta penúria.

Luz eléctrica — A Câmara, em sua reunião e por proposta

Prado, 25

AQUELES ARES...

Em Vilela, ali, naquele sítio destinado à construção do Patronato de Santa Rita, em parte já aterrado e com relva a crescer... tínhamos escolhido bem o poiso.

Pois foi aqui onde, sob o toldo improvisado pelos amigos José Simplício Moreira (Peleila) e José Rodrigues de Lima Teixeira e sobre as mantas que as mulheres esfenderam, à unha e ao dente, se havia de ferir o mais encarniçado e pantagruélico combate gastronómico de que resam as crónicas da especialidade. De certo que

(Continua na 4.ª pág.)

RECOMENDAMOS EM ORENSE:

Doutor José Domingos Caeiro

Doenças internas, especialista de doenças de **PULMÕES E CORAÇÃO**

com um dos melhores aparelhos de Raio X, na Cidade de Orense.

(Atenção especial aos Melgacenses)

R. General Franco, N.º 99-1.º — Telef. 2036

do seu Ex.mo Presidente, deliberou por unanimidade rescindir com a firma J. Valverde & Comp.a o contracto do fornecimento de energia eléctrica a este concelho, o que terá lugar já a partir de 17 de Junho do próximo ano, data em que termina o segundo período de renovação.

Esta decisão, que foi recebida com grande contentamento por todos os consumidores, já devia ter sido tomada há dez anos a esta parte, pois assim se teria evitado o sem número de arrelias e dores de cabeça que aos munícipes tanto tem afligido.

Portanto, parabéns à Ex.ma Câmara.

O tempo e a agricultura — Tem feito um tempo de calor — abafado, geralmente com nevoeiro cerrado pela manhã, o que é favorável ao desenvolvimento do mildio e do oídio nas vinhas, males que só a força de sulfato e enxofre se tem podido combater.

— Os canteiros estão ceifados e denotam estar bons, mas o seu rendimento definitivo ver-se-á nas eiras.

— Agora, aos interessados, lembramos que em Julho podem semear: — alfices (próprias da época), beterraba para salada, cenouras, chicória, couves diversas (incluindo repolhos, couve-flor e bróculos), ervilhas (x), feijões (x), nabos (x), rabanetes (x), salsa, etc.

— Sulfatar, enxofrar, sachar, mondar e regar frequentemente; enxertar de borbulha, crestar as colmeias e fazer as sementeiras de praganá.

— É necessário examinar os vinhos todas as semanas, conservando as vasilhas bem cheias e batucadas e as adegas frescas e arejadas.

(x) Onde não falte água para rega.

..

Em Julho abafadiço fica a abelha no cortiço.

Penso, 26

Fiquei cheio de contentamento, com o meu colega de Parada de Monte, apparecem para continuar a dar notícias da sua freguesia neste jornal «A Voz de Melgaço». Da minha parte estava persuadido que Deus o chamaria para Si o que felizmente não aconteceu graças ao bom Deus.

Nesta freguesia há uma grande crise: a grande falta de numerário e o pequeno não sabe a forma de remediar-se. Rapazes novos que tanta falta fazem à família emigrando para aos velhinhos não faltar o pão em casa.

Temos aqui nesta freguesia uma padaria do Sr. Antónino de Castro que se esmerça pelo bom fabrico do pão sempre com farinha de primeira. Dá o seu peso de obrigação ao cliente, e atende sempre de muito boa vontade e agrado.

A esposa do proprietário da padaria Sr. Antónino de Castro deu à luz uma robusta criança do sexo masculino. Tanto a mãe como o filhinho encontram-se bem. Que tallesse com a melhor estrella.

Regressou a Lisboa o nosso amigo Norberto José Vaz. Foi tratar de negócios que lhe dizem respeito.

Está projectada a festa de Santa Comba na sua capelinha em Felgueiras para o dia 31 do próximo mês de Julho.

O tempo tem corrido com calor ardente de tarde. Para o vinho tem sido um primor: as latadas parecem roseiras, só se vêem cachinhos. — C.

De Luto

Há cerca de um mês, falleceu em Lisboa a Ex.ma Senhora D. Lucinda Rodrigues Villarinho, de Penso.

A Sua Ex.cia, Senhor Engenheiro, Henrique Pereira, muito digno Administrador Geral dos C.T.T., genro da saudosa extinta e a Sua Ex.ma Esposa, bem como a toda a illustre Família, a quem Melgaço, tanto deve, os nossos sentidos pésames.

Pinto de Magalhães, L.da

BANQUEIROS

CAPITAL DE RESERVAS: Sessenta milhões de escudos

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas
LISBOA — Rua do Ouro, 95 — Telef. 366066 (P. P. C.) 5 linhas
AMARANTE * ARCOS DE VALDEVEZ * PENICHE * FÁTIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, L.da — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

Pinto de Magalhães, L. da

BANQUEIROS

Todas as Operações Bancárias

GENTE E COISAS
DE
"O MEU FICHEIRO"

OS CAMANHOS, DE PRADO

É nova... ou antes é novíssima esta família em Prado, já que o primeiro deste apelido que aqui se fixou fê-lo, há menos de cem anos.

Chamava-se ele José Maria Camanho de Carvalho, foi boticário e era filho de António Caamaño de Carballo e de Filomena (?) Romero, oriundos de Galiza, onde os daquele apelido têm por armas: em campo de prata, uma árvore de verde, ladeada de dez lanças de negro, cinco de cada lado e tudo firmado num pé de verde; e os deste: um escudo, também de prata, com uma cruz latina de vermelho.

Casou, pois, José Maria Camanho de Carvalho, com D. Geneveva Augusta Esteves, filha do boticário da Lágua, António Joaquim Esteves e de sua mulher D. Maria Umbelina, ou D. Maria Violanta, ou ainda D. Belina Maria Violanta de Sousa Gama, pois com todos estes nomes a topo em outros tantos assentos, neta paterna do também boticário João Joaquim Esteves e materna de António de Sousa Gama, da Casa das Várzeas.

Para já, por não ter procurado, ainda não apurei a data do falecimento de José Maria Camanho de Carvalho, mas sei que sua mulher faleceu em 19-6-1911, com 68 anos, e que do seu casamento houveram:

1.º — D. Palmira Camanho de Carvalho, que nasceu em 11-7-1870, foi baptizada a 28 do mesmo mês e ano, casou com Bernardo José Domingues Salgado (Grovas), filho de João Luís Domingues Saigado e de Ana Delfina Fernandes Torres, enviuvou em 28-3-1934 e faleceu em 20-1-1937. S. g. Jaz no cemitério da Vila. E

2.º — Manuel José dos Reis Camanho de Carvalho, que nasceu pelas 4 horas do dia 27 de Novembro de 1874, foi baptizado em 7 de Janeiro do ano seguinte, casou, em 10-9-1914, com Maria Joaquina Alves, de 28 anos, filha de Carolina Rosa Alves e do prof. Diogo Manuel de Sousa Araújo (Besteiro) e faleceu em 24-10-1914, indo a sepultar junto com minha tia Cândida Rosa Fernandes, que o esperou nas «Banqueiras». Em 24-10-1912, ofereceu à Câmara a nascente que surgira sob a sua casa quando da abertura da estrada de Paderne.

Pureza Carolina Camanho de Carvalho, filha do precedente, nasceu em 11-2-1911 e reside em Lisboa, onde é servente da Companhia dos Telefones.

Orlando Camanho de Carvalho Esteves, filho da precedente e de Orlando Solheiro Esteves; neto paterno de Carlos António Esteves e de D. Ermezenda Solheiro; bisneto pelo avô de José Bento Esteves e de Ana Emília Coelho e pela avó de Hermenegildo José Solheiro e de D. Adelaide Perpétua Alves; trineto: por José Bento, de Maurício Esteves e de Ana Joaquina Fernandes; por Ana Emília, de Agostinho José Coelho e de Ana Joaquina Soares; por Hermenegildo José, de António Bernardo Solheiro e de Maria Joaquina Ribeiro, e por D. Adelaide Perpétua, de Domingos José Alves e de Maria Caetana Gaioso. Nasceu em 21-3-1933, foi baptizado a 14 de Fevereiro do ano seguinte e reside em Lisboa.

Luís Armando Camanho de Carvalho, idem, nasceu em 27-9-1938 e foi baptizado a 22-1-1939. Reside também em Lisboa.

Manuel dos Reis Camanho de Carvalho, filho do mesmo Manuel José, nasceu em 24-10-1912 e casou, em 1939, em Alvaredo, com Requelinda Gonçalves, filha de Manuel Gonçalves e de Maria de Castro (Carreira).

Albertina Camanho de Carvalho, filha do precedente, nasceu em 1940 e faleceu em 30-12-1952.

Laurinda Camanho de Carvalho, idem, nasceu em 14-11-1941 e foi baptizada a 26-9-1943.

José dos Reis Camanho de Carvalho, filho do falecido Manuel José, nasceu em 20-3-1914 e faleceu em 19-5-1919.

Bernardino Camanho de Carvalho, idem, nasceu em 10-6-1915, foi baptizado a 12 de Agosto do mesmo ano e casou com Maria do Rosário Soares da Silva.

António Bernardino da Silva Camanho de Carvalho, filho do precedente, nasceu em 5-4-1946, e reside com seus pais em Lisboa.

E eis, prezado leitor, todos os Camanhos que há e houve em Prado, pelo que era escusado fazer tanta chacota e chocarrie a propósito daquele meu engano em que distraidamente fiz D. Palmira filha, em vez de neta, de D. Maria Violanta de Sousa Gama, pois, como se viu, outra coisa melhor não sei eu...

MARIO

Paderne, 12

(Abastada na Redacção)

Em Crastos, Paderne, realizou-se ontem a festividade de Nossa Senhora de Guadalupe.

Ermitida abençoada, de onde tantas recordações de bem querer, ainda tenho, pois desde a idade de um ano por lá passei a minha mocidade; e de lá tenho muitas recordações. Ali fui, prestar-lhe as minhas homenagens e pedir-lhe que me continue a ajudar.

A festividade, foi abrilhantada, pela Banda de Riba de Mohro e a Cabine de Soma Melgacense.

Os actos religiosos, debaixo das ordens do Reverendo Senhor Arcipreste, prior de Paderne, de S. Paio, etc. etc.

A procissão, deslumbrante e os fiéis, todos lhe prestam a N.ª Senhora de Guadalupe e Santa Rita, aquilo que merecem.

O sermão, foi feito pelo distinto orador Senhor Padre Jílio de Barbeita — Monção.

Até ao ano, se Ela consentir.

Paderne, 12 de Junho de 1960.

S. Paio, 24

Em 5 do corrente, realizou-se a festividade em honra do grande apóstolo Santo André. Houve de tarde um concorrido arraial devendo ao bom tempo.

No dia 26 realiza-se em S. Paio a grandiosa festividade em honra de N.ª S.ª de Fátima, a mais importante da freguesia. Se o tempo o permitir vai ter muita concorrência. A comissão esforça-se para lhe dar todos os atractivos que merece.

—Depois de algum tempo por terras brasileiras, está de visita à sua terra natal, o senhor Joaquim José Domingues e sua prezada esposa, D. Joaquina de Araújo Domingues, abastados proprietários e capitalistas em terras de Santa Cruz. Oxalá que passem por cá uma boa temporada e que nunca esqueçam a terra pequenina que lhe foi berço.

Quase toda a freguesia se está modernizando nas construções e reparações prediais, sendo aborrecido não ter quem zele os interesses gerais de abastecimento de água aos seus povoados e conserto, (ho, menos, dos seus caminhos. Mas... como somos como os de Abrantes, vai tudo como antes.

—Os trabalhos da E. N. 202 vão adiantados e, segundo consta, ficam bons. — C.

Prado, 25

(Continuação da 3 página)

o guloso e lambareiro Brillat Savarin, lá no seu túmulo, forceu-se e retorceu-se de desespero por não poder tomar parte no dito...

Recolhida a procissão, que realmente foi magestosa, brilhante e imponente, eu cômoda e regaladamente escarranchado sobre um silhar que Mestre Baptista, providencialmente, ali me deixara ficar, o qual ao mesmo tempo me servia de mesa e assento, e os demais acocorados uns, sentados de turca outros, puxamos dos respectivos arsenais de metralha e mutuamente nos declaramos a guerra. Já era tempo, pois aqueles ares... levantam um anémico.

Abriu as hostilidades Mestre Teixeira que com uns matações de presunto, assim com quem diz improvisados pelouros, e com uma busca — leiam uma lampreia recheada com ovos e presunto... — bombardeava toda a gente. Que belicoso que este homem me saiu... Mas, também, valha a verdade, que agradável e saborosa a sua metralha...

Claro que tanto eu como o amigo Peleila, porque estávamos devidamente municiados e apetrechados, lhe ripostávamos com o nosso trito, o que o bom do Teixeira e seus familiares, bom ou mau grado, tinham que grammar...

Que montes de metralha, e que carnificina, meus Amigos! Aquilo só visto...!

É no meio disto tudo, como não podia deixar de ser, os mais sacrificados foram os respectivos... garrações, que do início até final da batalha, constantemente ardam numa roda viva. Puderam não havia de ser assim; se frangos, lampreia, croquetes, pasteis, filetes, costeletas, rissois, presunto, salpicões, etc., etc., estavam de gritos e aos gritos clamavam verdasco e mais verdasco...?! Ora...

Terminadas as hostilidades e recolhidas as munições sobrantes... os efeitos daqueles ares estavam, pois, vencidos e bem vencidos.

Veio agora o Amadeu Seródio fotografar os combatentes: a sr.a Beatriz Mendes Pinto, meu tio sr. António Soares e esposa, Peleila e Teixeira, com suas respectivas consortes, as netas deste último, e eu, minha mulher e minha filha; ao todo, uma dúzia de pessoas.

Amigos! porque tristezas não pagam dívidas e até porque esta vida são dois dias mal contados, visto o de hoje já ir na conta, se Deus nos der vida e saúde, vamos outra vez confraternizar e aspirar aqueles ares de Santa Rita?... Vamas?...!

Amigos! até ao próximo ano, pois, se Deus quiser!...

...

Na «entrada» à minha última carta, poisaram, pelo menos, duas gralhas, das quais uma, porque calinada, há que matá-la já ali mesmo, naquele período, onde se diz: ... devorando a respectiva criação logo após a criação, em vez de devorando a respectiva criação logo após a eclosão. A outra não tem importância de maior.

—Estão já semi-enterrados aqui na rua os canos para o abastecimento de água, os quais são de fibro-cimento, o que equivale a dizer são quase eternos. O trabalho também denota ficar em condições, ou o mesmo não estivesse confiado a Mestre Manuel Baptista, mas bastante moroso, o que é aborrecido por a rua estar toda escalabrada.

—Chegou à sua casa da Fichoa a bondosa sr.a D. Amélia Lourenço, irmã do sr. Martins Lourenço, digno chefe da P. S. P. aposentado. Grato pelos cumprimentos que se dignou enviar-me.

—Também está na Breia o sr. José da Rocha, empregado comercial em Lisboa.

—Para consulta médica, seguiu mais uma vez para a Capital a sr.a D. Bonança Delfina Gomes Calheiros de Sousa.

—Do posto da G. F. desta localidade, foi transferido para o de Meijoeira o nosso amigo sr. José Correia Ferreira.

—Regressou de Paris, onde mais uma vez foi levar passageiros no seu luxuoso e espaçoso carro de aluguer, o nosso amigo sr. José António de Araújo Gonçalves, de Bouça Nova.

—E, na escola local, estão, neste momento, a prestar provas os alunos das primeiras classes. Oxalá não haja raposas, porque as galinhas fazem falta para pôr ovos e estes... para fazer omeletas. — (C).

a VOZ de MELGAÇO

Director e Administrador:
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas — Residência Paroquial — Melgaço
Propriedade impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:

CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00
ANO — XIV

Melgaço, 15 de Julho de 1960

N.º 213

Ao Povo de Melgaço!

SÃO HORAS!

Vai dar-se novamente e muito em breve, dentro dos muros da nossa terra, um facto muito importante. A veneranda Imagem Peregrina de N. Senhora da Fátima, que anda a percorrer toda a Arquidiocese, volta à nossa Terra, que A vai receber no próximo dia 18 de Setembro e A terá, sob a sua guarda, até ao dia 25.

Neste dia, far-se-á a consagração de todo o concelho aos Corações Imaculados de Jesus e Maria.

Renovaremos assim o gesto dos nossos venerandos Pastores, que no alto da Almada, junto ao Monumento a Cristo-Rei, consagraram toda a Nação a Nosso Senhor e a Nossa Senhora, a 17 de Maio de 1959.

Fez a consagração Sua Eminência o Cardeal Patriarca. E foi ratificada pelo Venerando Chefe do Estado.

Factos prodigiosos se produziram então: — foi visto o sol rolar sobre si mesmo, exactamente como em Fátima quando da última aparição. E uma das pombinhas que estava junto da Imagem de Nossa Senhora, propositadamente levada de Fátima, após a ratificação pelo venerando Chefe do Estado, desceu até junto de Sua Excelência...

O mesmo prodígio do sol foi observado ainda este ano, quando, no dia 17 de Maio, se procedia às festas do primeiro aniversário da consagração.

* *

Vamos pois nós, os melgacenses, ter de novo conosco, durante sete dias, a veneranda Imagem de Nossa Senhora de Fátima. A Senhora está no Céu! Pouco tempo falta para essa festa que tem de ser, o que de mais bela e grandioso se faça este ano na nossa terra.

Tudo por Maria!

E Melgaço nunca se deixou vencer por nenhuma terra, nas suas homenagens a Nossa Senhora.

Sabemos que o zeloso clero do nosso Arciprestado está a preparar, com todo o empenho, essas festas. Nada se fará por acaso. Tudo será convenientemente estudado e realizado.

Mas esta festa há-de ser a primeira de quantas aqui se tem feito. Assim o exige a honra de Melgaço!

* *

Causou espanto em todo o mundo a carta que ultimamente o venerando Bispo de Leiria dirigiu a todos os Senhores Bispos do globo, a propósito do próximo dia 13 de Outubro.

Sua Ex.cia: Rev.ma foi recebido no prazo de seis meses, já a segunda vez, pelo Santo Padre. Que haverá?

Nossa Senhora de Fátima disse aos videntes, a 13 de Maio de 1917: — **Se o mundo se não converte, acabará!**

Terá o mundo ouvido o pedido de Nossa Senhora? — Parece-nos que não.

Por isso, o venerando Bispo de Leiria, Prelado de Fátima, vai convidar no próximo dia 13 e 14, de Outubro, todos os peregrinos, num apelo particularmente grave, à penitência e à oração.

(Continua na 6.ª pág.)

Prémios para a Imprensa Regional

O Secretariado Nacional da Informação (interpretando os votos formulados na I Reunião da Imprensa Regional (Continente e Ilhas Adjacentes), institui para este sector da imprensa dos territórios portugueses e europeus os seguintes prémios:

A — Prémio «António Enes» (Anual) — com a colaboração da Agência Geral do Ultramar — destina-se ao jornalista da Imprensa Regional, dos territórios portugueses europeus, que melhor trate, no decurso do ano numa série de pelo menos seis artigos, os problemas ultramarinos.

B — Prémio «Augusto Ferreira Gomes» (Semes-tral) — (para o jornalista que revele maior espírito de iniciativa, melhor visão jornalística e melhor aspecto gráfico.

C — Prémio «Melhor Colaboração» — a atribuir de quatro em quatro meses ao autor do melhor artigo de interesse regional publicado na Imprensa Regional. Os referidos Prémios, a instituir a partir de 1 de Junho de 1960, subordinar-se-ão aos seguintes Regulamentos:

A — PREMIO ANTÓNIO ENES

Regulamento

Art.º 1.º — O Prémio «António Enes», a atribuir anualmente, destina-se a galardoar o autor da melhor série de pelo menos 6 artigos que versem um tema sobre o Ultramar Português, insertos na Imprensa Regional, e constará de uma viagem e estadia de um mês numa das províncias ultramarinas.

Art.º 2.º — Os concorrentes entregarão na sede do S.N.I., dirigido a Prémio «António Enes», seis exemplares dos jornais que tenham publicado os traba-

(Continua na 2.ª pág.)

Acampemos

pelo Dr. Abel Varela e Seixas

Estas palavras são agora para os responsáveis nos variados sectores da vida melgacense; são para aqueles a quem pesa sobre os ombros a pesadíssima e ingrata tarefa da gerência da nossa res pública pequena; na vida municipal, no órgão central da assistência concelhia; no próprio âmbito da acção religiosa, etc., etc.. Todos!

O terreno, para entrarmos numa terminologia militar, está suficientemente batido e limpo de obstáculos. Isto é: — provado a exuberância a necessidade premente das instalações escolares, hospitalares, de carácter público ou beneficente; devidamente esclarecida a posição, ou posições de sempre quanto a desacordos com a indicação de pessoas para este ou aquele cargo, por provas dadas das nossas isenções — e que se ofertam ao responsável ou responsáveis — até para além fronteiras; demasiado provada a existência de elemento ou elementos por princípio, maldade ou finalidade política, numa posição que só se pode classificar de obstrucionista. Tudo aclarado, provado, demonstrado, perante grandes e pequenos, altos ou baixos, governantes ou governados.

Qual o caminho a seguir? E agora o momento de se passar de palavras a acções, de se edificar e construir. De fazer algo de novo, renovando, revolucionando, se a expressão é de admitir. Para que não sejam as palavras e frases espalhadas pelas colunas da imprensa; para que não seja apenas e só a obra dos que escrevem, mas que sobre ela — com que podem contar-se edifique alguma coisa a perpetuar o que há tanto tempo se procura.

Acabem as palavras, para que as obras se levantem!

Eis porque chegou a hora da arrancada e nos propomos a «acampar», para que a mesma siga o seu

(Continua na 6.ª pág.)

«Poemas para a Cidade»

«Poemas para a Cidade» é o primeiro livro de poesias do nosso conterrâneo Alberto de Castro, que, há dias, foi lançado no mercado livreiro.

Ao jovem poeta nossos parabéns.

A propaganda protestante chegou até nós...

O colega local, de 3 do corrente, inseria uma tradução que intitulava «História Eclesiástica».

E propaganda protestante, condenada pela Igreja, e a transcrição, além de acintosa contra a Igreja Católica, contém erros, que hoje não escarpelizamos só porque o espaço não chega para tanto, apesar de publicarmos o jornal com seis páginas.

Para já, apenas, um aviso aos católicos: aquilo é propaganda protestante, feita por quem deseja atingir a vida e a disciplina da religião católica.

Católicos, cuidado!

A local citada está em contradição com a doutrina da Igreja, e até em contradição com uma das últimas encíclicas do Papa Pio XII.

Acerca do celibato dos padres dar-lhe-emos a resposta com afirmações dos próprios protestantes...

Prado, 10

A NOSSA FESTA MAIOR...

Estamos precisamente a um mês do dia em que a Igreja comemora o martírio de bemaventurado S. Lourenço — nosso glorioso Padroeiro; patrono dos cozinheiros; protector das vinhas e advogado do perigo de incêndios, etc. — e ainda se não ouve tigrir nem mugir sobre se sim ou não se realizará aqui a costumada festividade em Sua honra. Se nada se fizer... nada haverá que estranhar, pois se assim for já não seria a primeira vez que tal sucederia.

Mas, também, agora, pensando melhor... como se poderá realizar a mesma festa se o Terreiro e suas imediações estão de tal forma escalabrados que dão a impressão de ter ali havido violento terramoto...? Ora valha-nos Deus!...

* * *

Com seus filhos e a uso de banhos, está em Vila Praia de Ancora a sr.a D. Maria Júlia Dantas Ribeiro, esposa do nosso prezado amigo e digno continuador da Secretaria Municipal deste concelho sr. Justiniano Gonçalves Ribeiro.

—Também na mesma localidade e para o mesmo fim, está com seu filho a sr.a D. Maria da Conceição Brito, esposa do nosso particular amigo sr. Joaquim Afonso de Brito.

—Com sua esposa e filhinha, está na Ficoa o nosso velho amigo sr. Faustino José Durães, zeloso agente da P.S.P. do Porto.

—Também aqui está o nosso muito amigo Manuel José Gomes de Sousa Júnior, inteligente aluno-electricista da Escola de Mecânicos da Armada, de Vila Franca de Xira.

—Igualmente está entre nós o jovem Cláudio da Rocha, empregado comercial em Lisboa e filho do nosso estimado amigo sr. Jorge José da Rocha.

—Regressou de Lisboa a sr.a D. Bonança Delfina Gomes Calheiros de Sousa.

—Tive o prazer de cumprimentar aqui o meu velho amigo sr. José Cortes e a sua esposa Madame Cortes, que há mais de 30 anos se fixou em Tolosa, Sul de

(Continua na página 5)

RECOMENDAMOS EM ORENSE:

Doutor José Domingos Caeiro

Doenças internas, especialista de doenças de
PULMÕES E CORAÇÃO

com um dos melhores aparelhos de Raio X,
na Cidade de Orense.

(Atenção especial aos Melgacenses)

R. General Franco, N.º 99-1.º — Telef. 2036

Desportos

Em 15 de Maio, deslocou-se de Fânzeres a Melgaço o grupo de futebol «Praveiras de Fânzeres F. Club» a fim de jogar um desafio amigável com o Sport Club Melgacense, no seu campo de jogos no Monte de Prado em Melgaço.

O jogo com raras excepções decorreu no melhor ambiente desportivo e boa camaradagem.

O resultado de 3-2 foi injusto. O Sport Club Melgacense devia ter ganhado.

Contudo perder com honra, é ganhar com brilho.

S. Paio

No passado domingo, dia 3 do corrente, realizou-se, no lugar de Cavaleiro Alvo, uma grandiosa festividade em honra do padroeiro S. Paio. Foi muito concorrida de forasteiros de várias localidades.

—Também no próximo dia 10 se farão, na matriz parquial, deslumbrantes festejos em honra de S. Paio. Tudo se prepara para que tenha aquele brilho que só sabem dar as festivas das habitantes de S. Paio.

—Partiu para o Canadá o sr. António Fernandes, do Nogueiral. Boa viagem aérea e muitas felicidades.

—Para França partiu o sr. Manuel Gonçalves, da Carpinteira, que vai juntar-se a seu pai. Boa viagem e venturas.

—No passado sábado pairou sobre esta região forte trovoadas que, felizmente, não causou danos.—C.

Pela Pedraça

Enviado ao digno presidente da Associação, recebemos um exemplar de Instruções para a realização do Inventário de Prédios e Fogos.

Agradecidos.

Pak Santa Rita

Julho, 12.

Pois é verdade, nós paramos um pouquinho para rever contas, fazer orçamentos e vemos como vai a vida...

Queremos ver se no próximo ano, inauguramos casa da mesa e anexos, terreiro, quartéis etc., etc. Precisávamos para já de uns cem contos. Para já pois os nossos artistas já retiraram e vai ser um problema reuni-los outra vez. E temos de dívida outro cem contos.

Sim é muito, e pelas matemáticas cá da terra, prudência mandava parar e já. Mas continuamos acreditar cegamente nas matemáticas do Céu. Confiamos em Santa Rita. De maneira que havemos de pagar os cem contos atrasados e reunir os cem que faltam.

Mas isto faz-nos muito desgosto: ver que o tempo passa e há tanto que fazer por aqui, tanto, Lar do Pobres, capelas, a nova igreja de N. Senhora Rainha do Mundo e ainda andamos a falar em reunir os duzentos contos...

Como nos estão a fazer imensa falta os nossos amigos e as suas dádivas! Como nos fazem imensa falta as grandes ofertas, juntas ao tóstão da viúva do evangelho...

* * *

A nossa igreja tem sido muito visitada. Muitas graças a Deus. E agora vemos os meninos e meninas que regressam satisfeitos dos seus exames e aqui vêm com seus pais agradecer a Santa Rita a sua protecção.

Os donativos também vão subindo, graças a Deus e num ritmo que nos anima bastante.

E assim, dum anónimo, por intermédio do Sr. Abade de Paços, 30\$00, dum outro anónimo, de Prado, que todos os meses, com uma pontualidade, que nos conforta e sem poder! — que formosas lições nos dão o

(Continua na 5.ª pag.)

TRAÇA DA UVA

A traça da uva causou já, no decorrer do ano grandes danos nas vinhas das algumas regiões.

Dentro de poucos dias deverá surgir a 2.ª geração do insecto pelo que, nos concelhos que foram mais afectados, há necessidade de se executarem oportunos tratamentos, para evitar novos prejuízos.

Aconselha-se, por volta de meados de Julho, fazer um dos seguintes tratamentos:

— calda de **Diazinon** empregando 1 decilitro do produto comercial por 100 L. de água.

— calda de **Melathion**, usando a dose de 50 mililitros do produto comercial por 100 L. de água.

— calda de **D. D. T. molhável** a 50% usando 200 grs. por 100 L. de água.

Para qualquer esclarecimento deverão ser consultados os técnicos em serviço no Grémio da Lavoura do Posto Agrário de Braga.

Pinto de Magalhães, L.da

BANQUEIROS

CAPITAL DE RESERVAS: Sessenta milhões de escudos

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas
LISBOA — Rua do Ouro, 95 — Telef. 366036 (P. P. C.) 5 linhas
AMARANTE — ARCOS DE VALDEVEZ — PENICHE — FÁTIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, L.da — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

Pinto de Magalhães, L. da

BANQUEIROS

Todas as Operações Bancárias

Por terras de França

Continuação da 4.ª página

Há quanto tempo não via os pais do Sr. António! Fui encontrá-los, muito estimados ali numa casa dum irmão do Sr. António, rapaz também muito simpático e amigo da nossa terra e da nossa gente.

Esta família deu aqui em Melgaço um belo exemplo:—quando os seus pais já não podiam trabalhar convenientemente levou-os para França, onde nada lhes faltava.

Soube depois que o pai já falecera. Mas nessa altura, estava ali, na casa de seu filho, que nos ofereceu o almoço, a que nada faltou, sobretudo a alegria da nossa convivência, naqueles sítios tão distantes de Melgaço.

Fui a casa de todos os irmãos do Sr. Merim. E em todos, a mesma alegria, o mesmo prazer e a mesma simpatia pelas obras de Santa Rita. Quanta a todos deve Santa Rita!

Um deles trabalha mesmo em Le Creusot, onde é muito estimado como industrial de sapataria.

O Sr. António Merim levou-me à casa, onde trabalhava, apresentou-me a todos os seus colaboradores. Pude ver quanto é ali apreciado o seu trabalho e não só pelos Superiores, mas até pelos seus clientes, pois dias antes, um jornal da terra trazia o seu retrato e felicitava o nosso amigo, António Merim, pelo seu trabalho.

Levou-me também o meu Amigo a casa do Sr. Inspector de Trabalho, a quem me apresentou. Não foram precisas demoras, o que me provava, mais uma vez, quanto era estimado em Lé Creusot o nosso amigo.

Conversamos bastante com este Sr. Inspector do Trabalho de França e mais uma vez pude ouvir as mais belas referências às qualidades de trabalho e de perfeição do nosso trabalhador. Disse-me Sua Ex.ª:—nós preferimos o trabalhador português aos outros. É melhor. É humilde, é perfeito no seu trabalho, é educado.

Fui depois ver um Centro de Aprendizagem, para operários e artistas da construção civil.

Os candidatos instalam-se ali durante seis meses, têm o seu salário (e estão a aprender) e dedicam-se ao estudo.

Não lhes falta aula de desenho e vão começando pelo princípio, até que cada um possa construir, por si uma casa em miniatura. Não esqueçam. Aprendem e estão a ganhar. Depois, têm o Centro de colocações.

* * *

Que precioso lago aqui, nos arredores de Le Creusot...

Um dos bons amigos que me apareceu, logo de início foi o simpático rapaz da nossa vila, o António do Paço.

Também não posso esquecer o trabalho que lhe dei, nem o gosto com que me acompanhava. Teve a gentileza de me oferecer, também ele, um almoço, que sua esposa, uma Senhora polaca nos ofereceu com todos os requintes de quem está bem preparada para uma boa dona de casa.

O António do Paço quis também levar-me à fábrica, onde é hábil dirigente e muito estimado.

Eu não me recordo do nome—as obras, estas não me esquecem—de um amigo, que tão bons serviços me prestou, de Prado, hospedado então em casa do Sr. Merim, a quem aqui deixo, com imensa pena de não me recordar do seu nome, os meus respeitos e homenagens. Que tanto me estimaram...

Num edifício modesto, com que alegria pude abraçar mais rapazes da minha terra, o Augusto de Freitas, meu paraquiano que tanto sofrera para chegar ali, o Duarte, da Quinta, filho do meu bom amigo, Sr. Celestino, meus paraquianos, e mais e mais.

O rapazes, como a vida custa!

* * *

Merim, custa-me muito sair daqui, da sua casa. A sua casa é um bocadinho do nosso Portugal, é muito do nosso adorador rincão, de Melgaço. A sua casa! Como a lembro, cheio de saudade.

Parada do Monte, 10

NASCIMENTOS — Deu à luz uma criança do sexo masculino a sra. Pureza Gonçalves Fontes, esposa do sr. Joaquim Esteves, do lugar do Coto Santo.

Também deu à luz outra criança do sexo feminino a sra. Maria Fernandes, esposa do sr. Justino Domingues, do lugar de Cortegada.

CHEGADAS — Vindos de França chegaram a esta freguesia os Srs. Justino Afonso, da Trigueira, Manuel Pires, do Casal; e Mário Pires e Abel Pires, do Tablado.

PARTIDAS — Para França partiram os Srs. Manuel Pires, Manuel Alves, Manuel Lucena, Manuel Esteves, Rosa Esteves e Manuel de Carvalho.

FESTIVIDADES — Realizou-se a festa em honra de Santo António do Mourim. A festa foi abrilhantada pela banda Popular de Riba de Mouro e pelo alfotafante da mesma freguesia. A hora própria subiu ao púlpito o sr. P.e Manuel Bernardo, que como sempre muito agradou. No fim da missa saiu uma imponente procissão, havendo arraial de tarde, recolhendo tudo na melhor ordem.

Também no dia 3 se realizou a festividade em honra de Nossa Senhora da Aparecida, na veranda de Trabaços. Foi abrilhantada pelos gaiteiros desta freguesia e pelo Alfotafante de Melgaço. A hora própria subiu ao púlpito o sr. P.e António Domingues, Abade desta freguesia que nos dizem que fez um sermão que a todos maravilhou. Só é pena o sr. P.e António não se dedicar a pregar.

FALECIMENTO — No dia 4 chegou-nos aqui a infausta notícia de ter falecido na cidade do Porto o nosso querido amigo sr. Miguel Domingues, natural desta freguesia, e que já muitos anos estava domiciliado na cidade do Porto, estabelecido com uma casa de pasto no (Cais da Ribeira, e actualmente na Rua da Lapa. A morte traiçoeira veio arrebatá-lo dos braços de sua esposa e filhos bem cedo, pois contava cinquenta e (tal) anos. A sua desolada esposa, (sra. Rosa da Costa e a seus filhos enviámos o nosso cartão de sentidas condolências. Paz à sua alma.

—De regresso dos seus estudos, encontram-se nesta freguesia todos os nossos estudantes que vem passar as férias grandes junto de suas famílias.

O TEMPO (E A AGRICULTURA — No dia 30 caiu alguma chuva. Foi pou

(Continua na 5.ª pág.)

Pela nossa terra

Hábito que se torna indispensável corrigir

É grande o número de homens e rapazes que, do nosso País, se desloca para o estrangeiro, à procura de trabalho na Venezuela, na Argentina, no Brasil mas, do Alto Minho, a maior parte encontra-se em França.

Nestes últimos anos tem-se deslocado para França algumas centenas de pessoas, mas com os seus documentos legais mas a maior parte dos que lá trabalham foram clandestinamente.

Estes pobres, deixando as suas famílias, lá foram à procura do sustento e só Deus sabe os martírios que passaram até poderem entrar em França e, mesmo depois de lá estarem, talvez que tivessem passado dias e dias escondidos, cheios de fome, sede e frio à espera de que alguém conhecido os fosse desalojar daquela horrível situação, pois que os tais «engajadores», depois de os introduzir naquele país não queriam saber mais deles. Enfim, quanto sofreram antes de poderem trabalhar descansados sem que ninguém os incomodasse!

Conquanto para lá vá um ou outro que ganha o dinheiro e lá pensa gastá-lo deixando-se arrastar pelo vício, a maior parte procura poupar tanto quanto possível para assim poderem mandar, às suas famílias, o produto do seu trabalho, do seu laborioso esforço e das suas economias.

As mulheres e os filhos cá ficam, a trabalhar as terras e a poupar aquilo que os maridos lhes mandam. Fartam-se de lutar pela vida para manter em bom estado de conservação e até aumentar cada vez mais a vida agrícola.

Mas, nem todas procedem assim, pois algumas cá ficam a gastar, por vezes mal gasto, os magros escudos que os maridos lhe mandam do produto de tanto sacrifício. Felizmente não são muitas, e valha-nos isso, mas ainda há algumas que julgam que o dinheiro em França se junta com um ancinho e então o que pensam é em luxos e vaidades, viver sem preocupações e porem-se no soalheiro a besbilhotar com a comadre da esquina, falando desta e daquela pessoa que vive séria e honradamente e o que é deveras lamentável é levarem essas besbilhotices até junto de determinadas pessoas para assim criar más impressões entre outras pessoas da mesma família só com o fim de verem a ruína e a desavença nos lares honestos.

Porque não se hão-de corrigir estes péssimos hábitos metendo-se cada um na sua vida sem andar a atesourar a dos outros parecendo uns autênticos bichos da traça?

Estamos certos de que só fala quem tem que lhe diga e para essas línguas de prata fazia falta o D. Mar-meleiro para ver se acabávamos de por cobro a tais estados de coisas e tudo se normalizava.

Hilário Rodrigues

Gri... Gri... Gri

A BANDA DOS BOMBEIROS

Mais um postal em que um meu amigo de Melgaço me diz «estrnhar que eu nada tenha dito acerca da reorganização da nossa Banda dos Bombeiros. Tem o amigo razão, mas já lhe digo porquê. Há pouco mais de um ano subi até ao Sr. Moraes, a fim de trocar impressões sobre a reorganização, e em nenhuma outra dificuldade tropeçamos, além da falta de elementos. Descendo, foi então que encontrei todas as dificuldades, e, por isso, até ao último número da «Voz de Melgaço», julguei ser apenas um sonho.

Vejo, com prazer, que o esforço do Sr. Presidente da Câmara não foi em vão, pois conseguiu o que eu julguei impossível.

Mal parecia que em todo o concelho não houvesse os elementos indispensáveis, quando, em tempos, na freguesia de Paços houve duas filarmónicas, regida uma por José Bailão, e outra por António Douteiro (o Pedreira), e, além dessas, havia a Nova e a Velha da Vila.

Neste ano há-de haver as suas dificuldades, quem no divida?! mas, no próximo ano, se na Vila e proximidades houver matéria prima e meia dúzia de amigos da Banda, julgo poder já fazer-se uma selecçãozinha muito regular.

E, quando os seus componentes atinjam o número 30 e com o Sr. Moraes à frente, readquirirá o prestígio doutroira, com o que muito folga o

GRILLO

Da Vila

Julho, 10.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Porque há um hospital novo a construir — o que obriga a Mesa da Santa Casa a comprimir despesas e a fazer todas as economias possíveis — chega a ser um escândalo vergonhoso e um abuso condenável ver pessoas que tem seus familiares no estrangeiro, os quais com uma pontualidade inglesa mensalmente lhes mandam a competente mesada, procurarem os serviços hospitalares munidas de hipotéticos atestados de pobreza para deste modo se furtarem ao pagamento devido. Tal procedimento — repetimos — é um escândalo vergonhoso e um abuso condenável, a que a ilustre Mesa tem de pôr cobro.

Evidentemente que estas nossas considerações não são para os que realmente não podem ou pouco podem; pois há muitas pessoas que embora sejam senhoras duma casinha e até dumas magras courelas, por circunstâncias várias, em vindo Janeiro não tem com que pagar a contribuição predial com que foram colectadas — estas são, realmente, pobres. Mas é certo e sabido que há também outras, muitas, que muito embora não sejam possuidoras de quaisquer bens ao luar, auferem proventos vários ou tem familiares que as socorrem — estas não são ricas, mas... também não podem ser consideradas pobres; e, por isso, se não no todo, em parte podem pagar.

As dignas Juntas de Freguesia grande benefício prestariam à Misericórdia local se não passassem atestados de pobreza em casos como os apontados; e a ilustre Mesa da Santa Casa bem andaria se, além daqueles atestados, exigisse a informação do rev. Pároco da freguesia do suplicante, pois ninguém melhor do que ele conhece a situação material dos seus fregueses.

Ora, chegados aqui, apelamos para todos quantos, no todo ou em parte, possam pagar seus gastos ao Hospital da Santa Casa, que não venham com meios fraudulentos sobrecarregar ainda mais uma Instituição que luta com falta de receita e verga ao peso esmagador de despesas. Pelo que nos diz respeito, apesar de sermos uma das pessoas mais necessitadas do concelho, sempre que isso nos é possível, pagamos a pronto todos os medicamentos de que temos carecido, o que pode ser confirmado ou desmentido pelo ilustre e conceituado Proprietário da farmácia local.

Portanto, haja, pois, moralidade, uns posinhos de brjo e outros tantos de vergonha e não se meta a consciência nas palmilhas dos sapatos...

Crispino

Pela instrução — Foi escolhida a escola de Prado para nela os alunos desta Delegação Escolar prestarem provas do 2.º grau de ensino primário, escolha que foi feliz e acertada, pois, como infelizmente é público e notório, o velho pardiêiro arvorado em edificio escolar desta Vila, não possui as mínimas condições pedagógicas, e muito menos para o efeito de exames, sabido que as crianças ao transporem as ombreiras daquele austero e tenebroso casarão ficam geralmente intimidadas, cujo estado se reflete na prova prestada.

Deus permita, pois, que o novo edificio escolar desta Vila, tão necessário e por isso tão desejado, quanto antes, passe do papel à realidade.

Mercado semanal — No mercado que ante-ontem se realizou nesta Vila, entre outros gêneros, vendeu-se:

Milho a \$900, o meio decalitro; centeio a 12\$00, idem; feijão rajado desde 12\$00, idem; batatas a 1\$30, o quilo; cebolas (da região) a 1\$00 o molho; galos, galinhas e frangos desde 35, 25 e 15\$00, cada, respectivamente; ovos a 8\$50, a dúzia; peras desde 1\$50, idem; ameixas desde 1\$00, idem; sardinhas a 4\$50, idem e chicharro a 2\$00, o par.

Tanto neste como no mercado transacto, vendeu-se muitíssima semente de erva-molar a 27\$00 o alqueire de 30 litros.

Água de rega — É já no próximo dia 18 que tem início o período chamado das «sete semanas»; e, Deus venha com esse dia para pôr cobro às discussões e desavenças constantemente havidas junto às «tolas» da levada... Então aqueles nossos amigos das Carvalhiças são uns sófregos que nunca estão saciados de água. Valha a verdade que as suas terras...

Desastre de viação — Quando, há dias, o nosso amigo e digno guarda-rios sr. António José de Freitas, da vizinha freguesia de S. Paio, seguiu de bicicleta pela E. N. aconteceu-lhe cair e ficar muito ferido; felizmente, sem gravidade. Foi socorrido no Hospital da Misericórdia.

Desejamos sabê-lo pronta e completamente restabelecido.

O tempo e a agricultura — No último dia do mês transacto e nos primeiros dois do corrente, choveu bem e oportunamente. Hoje o dia mostra-se algo sombrio, como que a querer ameaçar chuva, o que seria um bem incalculável.

Para já, o estado das culturas é simplesmente soberbo. Permita Deus que ele se mantenha.

Sociedade

Aniversários

FAZEM ANOS: — No dia 17.º sr. Acácio Caetano Dias e o jovem Manuel Joaquim Inácio; no dia 20 a sra. D. Palmira do Rosário Caldas Alves e o sr. Ramiro Pousa Mendes; no dia 21 a sra. D. Maria/Madalena Nabeiro de Araújo, as meninas Antónia de Jesus Magalhães (Machado Lourenço e Maria Ester Ribeiro e, o sr. Ricardo Luis Pato; no dia 22 a menina Maria Madalena da Silva Ribeiro e o sr. dr. Henrique da Rocha Fernandes Pinto; no dia 24 o sr. dr. António Augusto Durães e o jovem Ricardo da Rocha; no dia 25 a sra. D. Maria do Carmo Tábuas de Sousa; no dia 26 a sra. D. Ana Monteiro Gomes Calheiros; no dia 29 a menina Maria Fernanda Barbeitos da Silva e o sr. Fernando Rodrigues Nabeiro, e no dia 30 a menina Judite Elisete Dantas da Costa Afonso e o sr. Manuel Pereira (dos Ovos).

AUSPICIOSO ENLAÇE — Na Sé Catedral de Lourenço Marques, realizou-se, em 19 do mês findo, o casamento da menina Maria Helena de S. Rodrigues, natural da ridante freguesia de Prado, preñada filha da sra. D. Maria Alice Gomes de Sousa Rodrigues e do sr. Manuel Augusto Rodrigues, com o sr. Arlindo Militão Otero Pereira, filho da sra. D. Mercedes Militão Pereira e do sr. António Pereira.

Paraninaram o acto, por parte da noiva, a menina Sara Maria de Castro Gonçalves e o sr. Manuel Rodrigues de Oliveira, e por parte do noivo a sra. D. Lucinda Militão Pereira Bispo e (seu marido sr. Eduardo Bispo, respectivamente, irmã e cunhado do nubente.

Os noivos, após a cerimónia religiosa e o indispensável copo-d'água, seguiram em viagem de núpcias através da África do Sul.

«A Voz de Melgaço» deseja ao novo casal cristão um lar muito venturoso e as felicidades de que é digno.

Pelo Hospital

MOVIMENTO DO BANCO DURANTE O MÊS DE JUNHO

Consultas, 263; Injecções, 417; Curativos, 267; Diatermias, 29; Pequenas Cirurgias, 18; Grandes, 2; R.X., 11; (R.P., 80; Baixas, 29; Altas, 28, Internados, 15.

Por Terras de França

Quando cheguei a Le Creusot, creio que a 29 de Setembro, já escurecia bastante.

Que faria áqueila hora o meu amigo, António Merim, um amigo de todos os melgacenses e portugueses que ali o procuram, incansável para todos, o nosso cônsul em Le Creusot, como por todos é conhecido?

* * *

Eu devia entrar nesta casa que, há tanto tempo, me fora oferecida, com a maior gratidão; eu devia entrar de joelhos.

Nunca posso pagar a este nosso amigo tantos carinhos e despesas. Não se resignou com a minha pressa, que era muita, e fez-me passar com ele e sua família, três dias, que para mim foram de raro encanto e prazer.

Tudo pôs à minha disposição: a sua casa, o seu carro, as despesas que com ele faria, e três dias que perdeu de trabalhar, por minha causa.

Tantas vezes estivero com ele aqui em Melgaço, quando aqui trabalhava e nunca supuz dever-lhe tanto! Pois cheguei enfim a casa do Sr. António Merim na Rua Anatole France, já escurecia.

Uma casa confortável, cheia de felicidade, de alegria, onde vive este feliz casal, com uns meninos esportísimos e encantadores.

Foi uma surpresa.

Uma nota de patriotismo, logo de entrada: — um dos meninos ia a falar em francês com os irmãos. Intervenção rápida do pai: meninos, já lhes disse que em nossa casa só se fala português. E explicou-nos: os meus filhos tem de falar francês, pois serão aqui educados, mas nunca hão-de esquecer a nossa língua, a língua da nossa Pátria.

Também seu irmão, o Sr. Joaquim Merim trazia na lapela do seu casaco uma bandeira portuguesa, em miniatura.

Lembram-me logo os nossos rapazes de Verdun, que traziam nas suas bicicletas, a bandeira de Portugal. O patriotismo da nossa gente. Que pena não se olhar mais por eles!

No dia seguinte, fui celebrar a santa missa e também aqui me valeu o meu amigo, António Merim. Ele se encarregou de tudo, tudo. De maneira que me foi fácil cumprir com a minha devoção. De passagem, para a igreja, vi uma casa de reunião dos comunistas,

Deu-me a impressão de uma casa com pouca vida.

Quando estava preparado para celebrar, notei que me faltava o ajudante e perguntei por ele ao Sr. Abade. O Sr. Merim não sabia.

Arranje-se, meu amigo como puder. E fui para o altar sem ajudante, o que aliás em várias terras de França, vai já sucedendo infelizmente.

E começou a nossa visita áquela boa colónia de melgacenses, espalhados pela região de Le Creusot, Digoin, Cuegnon, etc. etc. O nosso «espadá» galgava aquilo tudo com a facilidade de quem conhece tudo de cor.

Percorremos, várias vezes, algumas daquelas lindas estradas, que onde quer que houvesse um português, o meu Amigo Sr. Merim havia de me levar ali.

Creio que foi em Digoin. Uma Senhora portuguesa, quando nos viu, aproximou-se e pediu-me que os não esquecesse, que fosse celebrar a santa missa só para eles, os portugueses. E disse-me: não calcula o desgosto que temos, vem aqui os Srs. Padres italianos e por várias vezes. E nunca nos vem um português.

Combinamos ir lá celebrar a santa missa.

Coitada! Ela, que tanto trabalhara junto dos nossos rapazes e dos conhecidos, para que a assistência fosse muito grande, não pôde tomar parte, pois adoeceu. Como Deus resolve as suas coisas...

Na igreja, aparecem-me dois venerandos anciãos, procuram-me na sacristia e pedem-me os confesse. — O Sr. Padre já há muito que não nos podemos confessar. Não passa por aqui nenhum padre, de Portugal.

Mas eu não posso confessá-los! E tive de lhes explicar que nós, sacerdotes, não podemos confessar fora das nossas dioceses, sem a licença dos respectivos Prelados, onde nos encontramos.

Notei que ficaram muito tristes.

E que pena me fizeram aqueles que na nossa terra, onde não faltam sacerdotes, e não cumprem esta grave obrigação da desobriga!

(Continua na 3.ª pág.)

DE ROUÇAS

Julho, 12.

Continua muito mal a Sr.ª Teresa Fernandes, de Surribas, a quem desejamos prontas melhoras.

— Para o Porto, onde foi internado no hospital de São João, partiu o nosso amigo, Sr. António Rodrigues, dos Carvalhos, em estado muito grave. Desejamos que prontamente volte à nossa terra, livre da sua enfermidade.

— Foi baptizada uma menina, filha do nosso bom amigo Sr. Domingos Alves e de sua esposa, Sr.ª Rosa Alves, de Cavaleiros, a quem foi dado o nome de Maria Duarte. Foram padrinhos os meninos, Manuel Augusto Domingues, empregado comercial e sua irmã, Duarte do Rosário Domingues, inteligente aluna do liceu.

Ao neo-cristão, as melhores venturas.

— A Junta da freguesia vendeu alguns pinheiros do monte baldio de Santa Rita, gentilmente cedidos pelos Serviços Florestais com o que fez a soma de 5.000\$00, a aplicar na compra dos terrenos, para as novas escolas que tanta falta nos fazem.

— Chegaram a esta freguesia, vindos dos Seminários os nossos 4 alunos, que ali se houveram muito bem, nas suas provas. Dois deles ficaram distintos nos seus exames, o menino António Joaquim Esteves e Carlos Nuno Salgado Vaz, que transitaram para o 8.º ano, Filosofia. A todos, muitos parabéns e que, nos anos seguintes, as classificações sejam melhores.

Também estão a chegar dos colégios e liceus os alunos desta freguesia, que obtiveram boas classificações nos seus exames.

Uma delas, Maria Alice Rodrigues, de Cavaleiros ficou dispensada das provas orais e passou com a classificação de 15 valores.

A todos, muitas parabéns.

Notícias de Castro Laboreiro

Castro Laboreiro, uma das freguesias serranas de Melgaço, que em tempos viveu privada de meios de transporte e de outros benefícios, hoje graças a Deus vive já com outro conforto e alegria, devendo-se a alguns filhos da sua terra que, beneficiados com verbas concedidas pelo Estado e também com o auxílio dos seus habitantes, se tem dado início a certas obras de carácter público e local como sejam o aumento do cemitério, um fontanário público, as obras da Igreja, uma bela estação dos C.T.T. e uma rede telefónica que funciona das 9 às 18 horas em dias úteis, e das 10 às 12 em dias feriados e domingos, tendo ainda a beneficiar mais um novo posto (suplementar) que, depois do encerramento da estação funciona até às 22 horas diariamente em casa do sr. António Nunes de Castro (alfaiate) que dista do posto público uns 200 metros (na estrada).

* Foi de facto também um belo melhoramento, mas pena é que os possuidores dos telefones se tenham de deslocar para poderem efectuar as suas chamadas, assim como não haver ligações, contudo em caso de necessidade, torna-se de grande utilidade.

Mas surge mais um outro benefício que tem por fim ligar os habitantes dos lugarejos mais distantes, ao coração da sua terra natal — é uma estrada camarária que principia na Vila e vai terminar nos Portos, a qual já foi traçada, e segundo consta tem o seu início no ano de 1961, tornando-se de grande utilidade tanto para os transeuntes como para qualquer emergência e ainda não ficarão por aqui os desejos daqueles que querem ver a sua terra em progresso.

— No dia 29 de Junho p.p., realizou-se o funeral do sr. Augusto Domingues (Barandas), da Portelinha, em cujo cortejo fúnebre se incorporaram individualidades de todas camadas sociais e das freguesias circunvizinhas.

A sua morte foi muito sentida porque desapareceu uma individualidade de grande prestígio e de um coração afável, vendo-se lágrimas no rosto de muitas pessoas, pois quis, além do muito bem que prestou, deixar de recordação na sua localidade, uma luxuosa carreta fúnebre, além de outros benefícios à Igreja da sua freguesia.

Em benefício de todo bem que prestou, Deus lhe pague com o seu eterno descanso no Reino do Céu.

Prémios para a Imprensa Regional

(Continuação da 1.ª pág.)

lios que submetem à apreciação do Júri, até ao dia 28 do mês de Fevereiro do ano seguinte àquele a que respeita o concurso.

§ 1.º — A decisão será tomada pública no dia 10 de Junho de cada ano.

Art.º 3.º — O Júri será constituído por cinco personalidades de reconhecido mérito, servindo de secretário, sem direito a voto, o Chefe da Repartição da Informação do S.N.I. O Secretário Nacional da Informação pre-

B — PREMIO «AUGUSTO FERREIRA GOMES»

Regulamento:

Art.º 1.º — É atribuído semestralmente o Prémio «Augusto Ferreira Gomes» ao jornal que revele maior espírito de iniciativa, melhor visão jornalística e melhor aspecto gráfico, constando de uma bolsa para estágio de dois meses, da pessoa que o director do jornal julgue mais indicada, na Redacção de um dos jornais diários de Lisboa ou Porto.

Art.º 2.º — Os concorrentes farão a entrega na sede do S.N.I., dirigido ao Prémio «Augusto Ferreira Gomes», de seis exemplares de uma edição demonstrativa dos aperfeiçoamentos, para submeter à apreciação do Júri.

§ 1.º — Os prazos de entrega dos originais serão os seguintes: até 5 de Janeiro e até 5 de Julho.

§ 2.º — Os Serviços de Informação e Imprensa do S.N.I., darão por sua vez parecer sobre a evolução que tem caracterizado cada um dos jornais concorrentes.

§ 3.º — A decisão do Júri será tomada pública um mês depois de terminar o prazo da entrega dos trabalhos.

Art.º 3.º — O Júri será

Parada do Monte

(Continuação da 3.ª página)

ca mas sempre veio beneficiar a agricultura. Está um ano bem principiado de tudo. Os milhos estão soberbos, assim como feijões batatais, centeios e vinhedos. O vinho teve uma parca como nunca nos recorda. Pois quanto nasceu, quanto vingou. Deus queira que não venha um pedraço, que se não vier um pedraço temos um ano de vinho como já

constituído por cinco personalidades de reconhecido mérito. O Chefe da Repartição da Informação presidirá às reuniões do júri sem direito a voto.

C — PREMIO «MELHOR COLABORAÇÃO»

Regulamento:

Art.º 1.º — O Prémio «Melhor Colaboração», no valor de 1.500\$00, é atribuído de quatro em quatro meses ao autor do melhor artigo de interesse regional publicado na Imprensa Regional.

Art.º 2.º — Os concorrentes entregarão na sede do S.N.I. dirigido ao Prémio «Melhor Colaboração — Imprensa Regional», seis exemplares do jornal que tenha publicado o artigo que submetem à apreciação do Júri.

§ 1.º — Os prazos de entrega dos originais serão os seguintes: até 5 de Janeiro, até 5 de Maio e até

5 de Setembro.

§ 2.º — A decisão será tomada pública um mês depois de terminar o prazo da entrega dos trabalhos.

Art.º 3.º — O Júri será constituído por cinco membros. O Chefe da Repartição da Informação do S.N.I., presidirá, sem direito a voto.

N. R. — Solicita-nos o Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, que tomemos público que os seis exemplares do jornal com o artigo do concorrente, de acordo com os referidos regulamentos, deverão ser devidamente embrulhados e dirigidos ao S.N.I. — Prémios para a Imprensa Regional — com a indicação, por fora, do prémio a que se destinam e acompanhados, de uma carta do autor comunicando a respectiva remessa e pedindo a sua inscrição no concurso.

PRADO, 10

(Continuação da 2.ª página)

França, cidade de que conservo tantas e tão gratas recordações.

— De Ponte do Lima, trouxeram boas notas as meninas Ilda Alves Esteves e Maria Ester Ribeiro. Minhas felicitações.

— Acompanhada de seu marido, sr. Manuel Domingues Couto, passou aqui, a caminho de S. Bento de Fiães, minha tia sr.ª Ana do Carmo Soares, de La Cañiza, Espanha.

— E está aqui um cigano que trabalha em obras de vime com perfeição, rapidez, segurança e modicidade inexcedíveis. Portanto, se o leitor tem garrações para encastrar, cabazes para consertar, etc., etc., aproveite a oportunidade que é excelente.—C.

POR SANTA RITA

(Continuação da 2.ª página)

que não podem! — mais 20\$00, do nosso amigo, Sr. António Vitória, da Eira, casado em Carvalha Furada, mais 50\$00, do Sr. Aprígio Cerqueira, conceituado comerciante na nossa vila, que consegue com tanto trabalho, fazer a sua casa, dirigir o seu comércio e ainda ajudar os amigos e o nosso hospital, mais 150\$00, de um anónimo, 5\$00, do nosso bom amigo, Sr. António Fernandes, nosso assinante, do Crasto actualmente empregado da Carris de Lisboa, mais 40\$00, do Sr. Alvaro Bento Alves, dos Oleiros, Rouças, mais 1.000 francos com a promessa de muito mais e do Sr. Manuel Fernandes (Caldas), de S. Paio, actualmente em França, mais 1.000 francos, a juntar ao muito que aqui tem e com tanto sacrifício. E do Sr. Zelador da Igreja, mais 1.052\$00. Da Sr.ª Rosa da Conceição Pires, de Parada, uma freguesia que tanto nos ajuda, 50\$00, da Sr.ª Maria Lourenço, da Aldeia, mais 15\$00, da Sr.ª Albertina Afonso, de Parada do Monte, mais 11\$00 e do Sr. António Vaz, de Loviô, actualmente a dirigir uma barragem no Sabugal, mais 150\$00.

E graças a Deus!

Sim, muitas graças sejam dadas a Deus. Amigos, vamos todos!

GENTE E COISAS
DE
"O MEU FICHEIRO"

O MONUMENTO FUNERARIO DE PADERNE

O MAUMENTO FUNERARIO DE PADERNE

Muito se tem dito e escrito sobre o famoso cipo funerário — outros chamam-lhe estela — de Paderne, chegando mesmo alguns autores de antiguidades a tomar alhos por bugalhos e a confundir-lo com o túmulo da abadessa D. Paterna e de seu marido, quem quer que este tenha sido: conde ou plebeu, Hermenegildo ou não...

Ora eu que estou devida e iconográficamente documentado e sei do paradeiro de todos eles, posso já garantir que são coisas muito diferentes. E quem não quiser acreditar que vá ver o tal cipo no Museu Etnológico de Belém e as duas tampus tumulares no Museu Nacional Soares dos Reis, do Porto, para onde estas foram levadas do Museu Arqueológico do Carmo e onde figuram com os números 28 e 29 na respectiva Secção Lapidar. De resto, podia também dizer agora de como e quando as três peças foram desenterradas na sacristia do velho Convento; de como e quando o dr. José Leite de Vasconcelos, fundador e director do Museu Etnológico de Belém, veio a Paderne, as viu no adro do dito Convento, as cubiçou e diligenciou para remove-las para aquele Museu; dos óbices e peias que o solicitador Manuel José Nóvoas do Outeiro, então vogal da Junta de Freguesia de Paderne, bairristicamente teceu e forjou para que as faladas peças não saíssem dali, etc., etc., pois tudo isso anda escrito em letra de forma. Hoje, porém, apenas desejo arquivar nestas colunas a gravura do tal cipo-funerário, na esperança de que surja algum estudioso que, com olhos de linca e sólidos conhecimentos nestes assuntos, consiga reconstituir a sua inscrição e dela dar-nos uma versão convincente, pois o que sobre a mesma corre... não convence. Mas até lá nada me impede de fazer o seu estudo e consignar aqui as minhas conclusões.

Ora esta pedra, que é de forma irregular e mede aproximadamente 1m,60, 0m,15 e 0m,50, respectivamente, de altura, espessura e largura, pode dividir-se em quatro segmentos, no segundo dos quais, num nicho superiormente recurvado, vemos duas figuras em pé que, a julgar pelas feições e pelo vestuário, são homem e mulher. Cada uma delas segura um vaso na mão direita e dá a esquerda à outra; e, porque a figura mutilada do primeiro segmento é provavelmente um sacerdote que também segura um vaso... é de admitir, pois, que esta cena nos represente a cerimónia dum casamento pagão, estando ou preparando-se, assim, sacerdote e nubentes para fazer as libações do ritual.

No terceiro segmento, transbordando para o quarto, vemos a famigerada inscrição que tantas dores de cabeça tem causado a todos quantos dela se tem ocupado cuja leitura — apesar dos meus conhecimentos de latim irem pouco mais além do que os que tenho de chinês — desdobradas as respectivas abreviaturas e depois do começo usual destes epitáfios que geralmente abriam com um *Dis manibus sacrum* ou com outra fórmula semelhante — quero vê-la assim:

...ENaJus Filius Annorum C ET COMPar VALeriVS
COMPar ARDÆ Annorum L Hie Situs Sunt PENTVS
COMPar Feeit Caclamem (?)

Isto para vernáculo talvez se pudesse verter deste modo:

...(Fulano), filho de Enio, de 100 anos, e seu companheiro Valério, esposo de Arda, de 50 anos, aqui estão sepultados.

Seu companheiro Pento, fez (ou cinzelou) esta obra. Será assim...? Não será?...

Discutam os cabos o assunto e digam da sua justiça, que eu nisto, como aliás em tudo, continuo a ser praça rasa, e não vejo jeitos de vir a ser promovido a... entendido.

Mário

Nota — Na última crónica, saiu errada a data do falecimento de Manuel José dos Reis Camanho de Carvalho, que faleceu em 1918 e não em 1914, como por lapso se publicou.

Augusto Joaquim
Domingues
(Varandas)

Faleceu, chamado por Deus Nosso Senhor à Sua Santa Presença e confortado com os Santos Sacramentos da Igreja, no dia 27 de Junho de 1960, com 77 anos de idade.

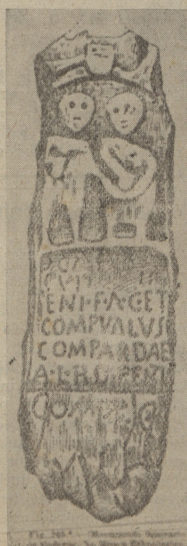
Sua família e em especial sua viúva Ana Rosa Esteves e seu sobrinho Manuel Joaquim Domingues, profundamente consternados, vem por este meio agradecer penhoradamente, todas as provas de grande amizade que lhes foram tributadas em tão triste emergência, rogando-lhes seja perdoada qualquer falta havida e totalmente involuntária. **SUPLI-CAM UMA ORAÇÃO PELO SEU ETERNO DESCANSO.**

Castro Laboreiro, 30 de Junho de 1960.

Notícias Militares

EXTINTO CENTRO DE MOBILIZAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO MILITAR N.º 1 TRANSFERÊNCIA DE PES SOAL

São avisados os oficiais e sargentos milicianos e as praças das classes de 1941 a 1951, pertencentes ao extinto Centro de Mobilização de Administração Militar n.º 1, residentes em todas as freguesias deste Concelho, que tiveram passagem ao Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 8, para onde devem dirigir as suas futuras pretensões.



Ao Povo de Melgaço

(Continuação da 1.ª pág.)

«Se o mundo se não converter, acabará.»

Nas vésperas da chegada da veneranda Imagem de N. Senhora, vamos-nos preparando para a nossa consagração colectiva.

É um acto muito sério na nossa vida. Melgaço! Terra de Santa Maria, aqui, debaixo da protecção de Nossa Senhora da Penada (Ela é a mesma!) com tantas capelinhas e igrejas levantadas em sua honra, com o maior número de imagens de N. Senhora do Carmo — (a mesma também) — em todos os concelhos da Arquidiocese, Melgaço, que ainda nas horas más, de decadência religiosa, ou perseguição, nunca se esqueceu de N. Senhora, vai homenageá-**LA como Ela merece.**

Pois estamos nas vésperas da Sua chegada. Encontra-se já em Valença.

Que falta a Melgaço, para A receber triunfalmente e incondicionalmente se consagrar a N. Senhora?

* * *
«Toda sois formosa, ó Maria!»
«E em Vós não há mancha de pecado!»
ENTRAI, SENHORA!

Acampemos

(Continuação da 1.ª pág.)

destino florescente, com projecção para anos vindouros, que o mesmo será que a perpetuação dum trabalho sério, digno e respeitável. Quer no Município, quer na Santa Casa, confiamos nos homens que os representam. Independentes, nacionalistas, amantes da sua terra e da tradição, mentir-lhes-íamos se não lhes afirmássemos que Melgaço, confia. E espera, o que é mais importante, para não se dizer mais grave.

Palavras que nasceram espontâneas perante a leitura das apoteoses que envolveram o mais Alto Magistrado da Nação nas recentes inaugurações, quer na terra berço da nacionalidade, quer na terra que é Roma de Portugal e berço duma Revolução que, sendo eminentemente nacional, é portuguesa e exemplar para o mundo.

E pronto. Não vale a pena, voltando ao meio, ter medo duma coisa que já aconteceu. O que é preciso é recomençar-se é que alguma vez se começou — e que os homens que o espírito materialista e de ganância não contamina, nem de vaidade, sejam arautos duma restauração e renovação que se impõem, duma vida nova porque se espera e anseia. Eis porque, meus Senhores — Senhores Responsáveis! — nos parece chegada o momento em que, respeitos e admirativamente lhes tiremos o chapéu, aguardando a actividade que das vossas inteligências, perseverança, carinho e amor à terra, nos fazem que seja licito esperar de vós.

Reparai, que não aludimos ao Governo da Nação, porque este, está sempre pronto a vir ao encontro dos portugueses de boa fé. E até mesmo, em certos casos, aos que a não tem, mas a que o nosso «terra a terra» leva a estender a mão.

Porque nós — quem tal diria! — ao fim e ao cabo, somos os únicos democratas dum partido sem partido, que não seja o de Portugal Eterno nos Céus, na Terra, nos Mares.

Apesar de tudo, contem connosco!

É vossa a hora! E porque, a alguns vos conhecemos de perto e nos honrais com a vossa amizade sabemos que a caminhada será segura, e breve levantaremos o acampamento para o transformar em arcaial...

PRODUTOS PARA VINHOS
APARELHOS PARA ANALISES
MAQUINAS PARA ADEGA
TESOURAS DE PODA «PRADINES»



Sociedade de Representações Guieimair, L.ª

Rua de Rodrigues Sampaio, 155 - 1.º - PORTO
Telef. 28093 Teleg. Guieimair